

*Memória individual e discurso social
Relatos de um imigrante
Curitiba (Brasil), passagem do século XIX para o XX*¹

Cacilda Machado

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)

Sergio Odilon Nadalin

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)

ABSTRACT

In this article, we analysed the reports of Gustav Strobel, German immigrant who came to Brazil in 1854. The author had over 60 years when prepared the final text, in the early twentieth century. We seek to evaluate the potential of this source for the reconstitution of immigrant communities, as well articulate the "political discourse" the author with the image of German immigrant and national population he built throughout the story. His memories function as arguments against a speech to the thesis of "German danger" force in Brazil during the first decades of the twentieth century.

Keywords: memory; ethnicity; immigration; German danger; sociability.

Neste artigo, analisamos o relato de Gustav Strobel, imigrante germânico que veio para o Brasil em 1854. O autor tinha mais de 60 anos quando preparou o texto final, em princípios do século XX. Buscamos avaliar o potencial dessa fonte para a reconstituição de comunidades imigrantes, bem como articular o "discurso político" do autor com a imagem do imigrante germânico e da população nacional por ele construída ao longo do relato. Suas lembranças funcionam como argumentos de um contra discurso à tese do "perigo alemão" vigente no Brasil durante as primeiras décadas do século XX.

Palavras-chave: memória; etnicidade; imigração; Perigo Alemão; sociabilidade

¹ Comunicação apresentada no Segundo Congresso da Associação Internacional Areia (*Audioarchivio delle migrazioni tra Europa e America Latina*). América Latina-Europa: (auto)biografias de emigrantes entre cultura oral, escritura e representación. Roma (Itália), 29 a 31 de outubro de 2012.

Gustav Hermann Strobel² imigrou com sua família da Alemanha para o Brasil em 1854, quando tinha não mais que cinco anos. Além dele vieram os pais, Christian e Christine (com 36 e 29 anos, respectivamente, à época da viagem), e os irmãos Emilie Bertha (7 anos) e Emil Robert (1 ano). No Brasil nasceram ainda as irmãs Marie (em 1855), Anne Louise (1858) e Fanny (1861). Originários de Glauchau, na Saxônia, o plano inicial da família era estabelecer-se em Dona Francisca³, colônia de imigrantes germânicos que estava se constituindo desde 1851.

As dificuldades de adaptação, no entanto, levaram a família para a região de Curitiba, capital do Paraná, província que naquele momento conquistara sua emancipação política de São Paulo. Ao contrário da maioria dos imigrantes que preferiram deixar a Colônia Dona Francisca, e talvez por uma questão de oportunidade, nos primeiros anos os Strobel moraram em diversas casas em São José dos Pinhais e em Campo Largo da Roseira. Essas localidades, situadas no planalto curitibano, ao sul da capital, faziam parte da rota por onde passavam os recém-vindos de Joinville, o que constituiu uma oportunidade para os Strobel obterem uma renda extra, tornando sua casa uma hospedaria. Pelo que se sabe, a família não faz parte da lista fundadora da comunidade evangélica de Curitiba, talvez por não estar, nessa época, próxima geograficamente do resto da comunidade (instalada basicamente nas regiões em torno do Pilarzinho, ao norte de Curitiba). Mais tarde, provavelmente a partir de 1875, os Strobel fincaram raízes na capital paranaense, e seus descendentes identificavam-se e eram identificados como membros da comunidade germânica luterana da cidade e de diversas associações de identidade germânica, como o *Deutscher Sängerbund* e o *Handwerker-Unterstützungs-Verein*.

Muitos anos depois Gustav produziu suas memórias, buscando o resgate dessa experiência migratória. Ao longo das gerações, uma prática familiar exigia das crianças e (ou) jovens que copiassem o manuscrito e, com o tempo, as cópias já produzidas, pois o original se perdeu. Uma dessas cópias foi traduzida para o português e publicada⁴; outros três desses manuscritos chegaram às nossas mãos, mas um deles dificilmente pôde ser utilizado, pois foi copiado em grafia gótica. As duas outras versões, também em língua alemã e com pequenas diferenças entre uma e outra, foram criticamente comparadas, o que permitirá uma revisão do texto publicado em português (Strobel, 1987).

Trata-se de um relato que cruza e, mesmo, embaralha as lembranças de Gustav com as recordações de seus pais. Porém, à medida que os 17 capítulos se desenvolvem, torna-se evidente que o produto resulta, cada vez mais, de suas próprias impressões. Pelo que registra nas primeiras linhas, o autor teria ultrapassado 60 anos quando começou a preparar o texto final (isso seria na primeira década do século XX, e seus pais já teriam falecido), levando provavelmente vários anos para terminá-lo: em certo momento do relato menciona o ano de 1928, quando teria falecido um seu conhecido. No entanto, a rigor o conjunto de suas memórias envolve, sobretudo, o período entre a chegada

² Esse sujeito, juntamente com a linhagem fundada pelos seus pais em Curitiba, constituem fios condutores de diversos trabalhos produzidos na UFPR, que têm como referências Machado, 1998; Nadalin, 2007, 2009, 2010a, 2010b; Bideau e Nadalin, 2007, 2011; Nadalin e Fabris, 2012.

³ Atualmente Município de Joinville, Estado de Santa Catarina.

⁴ Orlando Strobel, um descendente de Gustav Hermann, informou-nos que, atualmente, a velha prática familiar de cultivar a memória dos antepassados por meio da cópia em alemão foi substituída pela cópia do texto em português. A família tem um site, disponível em <http://familiastrobel.com/default.aspx>

ao Brasil em 1854 e o casamento do autor em 1875. Dada a linearidade narrativa entre um capítulo e outro – entremeada de casos e histórias vividas –, é muito provável que durante parte de sua vida Gustav tenha feito anotações, que serviram mais tarde à edição do relato.

Em 1913 Gustav Strobel viajou para a Alemanha com seu filho Friederich Alvin, que necessitava de tratamento médico. O rapaz faleceu na Alemanha e, devido à eclosão da Primeira Guerra Mundial, Gustav ficou lá retido, onde teria escrito outro livro, de cunho “político e filosófico”, do qual não se tem mais notícias⁵. De volta ao Brasil, e a Curitiba, Gustav Strobel faleceu em 1933, deixando seis filhos e 22 netos. O memorialista registrou, na introdução do manuscrito, que seu propósito era

relatar por escrito a minha vida e a dos meus pais até onde é do meu conhecimento, para que as gerações futuras saibam de onde procederam seus antepassados e por quais dificuldades tiveram que passar, até que chegassem a um padrão de vida relativamente bom e decente.

Não temos por que discordar dessa meritória intenção do autor. No entanto, suas memórias vão além, pois permitem, aos leitores em geral, acesso a informações e impressões de um contemporâneo de um período importante da história brasileira.

Com efeito, as migrações internacionais fundaram, no Brasil, um período marcado por grande diversidade cultural e social, que se transformou em questão nacional durante toda a Primeira República. O ponto máximo do conflito foi atingido durante o Estado Novo, nos anos 1930. O contexto tinha como uma das suas marcas a campanha de nacionalização, dirigida a todos os imigrantes e descendentes, mas particularmente dura com os chamados teuto-brasileiros. Desde o século anterior, parte das elites brasileiras republicanas vinha condenando a relativa concentração das colônias alemãs no Sul, entre os quais Silvio Romero. Na sua brochura “*O allemanismo no Sul do Brasil: seus perigos e meios de os conjurar*”, denunciava o terreno preparado por grupos compactos para a expansão do *Deutschtum*, “formando colônias cheias de cidades e vilas puramente germânicas” (Romero, 1979, p. 240)⁶. Eram como “ilhas”, faltando-lhes, “para se separarem de nós [...], duas condições apenas: uma população maior, e que essa população se espalhe a ponto de ligar entre si, mais ou menos intensamente, os diversos núcleos coloniais dos três Estados meridionais” (ivi, 254). A historiografia tem salientado os exageros da paranoia relacionada ao “perigo alemão” e ao “enquistamento racial”, então alimentadas pela ideologia do branqueamento. De uma maneira ou de outra

a clivagem de natureza étnica tornou-se mais evidente no início do período republicano por dois motivos: a maior visibilidade política das antigas colônias e seu crescimento econômico por um lado, e a formulação de uma ideologia étnica que reivindicava o direito à especificidade cultural e mesmo à endogamia por outro. Como agravante dessa visibilidade, houve a influência explícita do pangermanismo (antes da primeira guerra mundial) e do nazismo (a partir de meados da década de 1920) – que reforçou a idéia de pertencimento étnico à

⁵ Nota do Tradutor (Strobel, 1987:141).

⁶ A brochura foi publicada originalmente no Rio de Janeiro por Heitor Ribeiro com o título e subtítulo: *O allemanismo no Sul do Brasil: seus perigos e meios de os conjurar*, 1906.

nação alemã. O elemento de discórdia em relação ao nacionalismo formulado no início da República estava na dificuldade de assimilação dos alemães e de seus descendentes, diante da afirmação de uma identidade étnica teuto-brasileira que buscou sua legitimidade na noção de *Deutschtum* (germanidade) (Seyfert, 1993, p. 3).

É lógico, pois, construir a hipótese que o relato de Strobel sobre sua experiência nos permite não apenas entrever aspectos da vida privada dos imigrantes germânicos no Paraná durante o século XIX, mas também as relações entre essas lembranças da vida privada com as expectativas sociais e políticas do tempo em que produzia suas memórias, já no século XX. É exatamente nesse último cruzamento das esferas público-privada que se inscreve a oportunidade de reorganizar a biografia desse indivíduo.

O tradutor do manuscrito em alemão destacou, ao final do livro, que as memórias de Gustav Strobel estariam incompletas, considerando evidente, pela leitura do relato, que o autor “tinha ainda a intenção de transmitir considerações e acontecimentos de sua rica e longa vida aos seus descendentes” (Strobel, 1987, p. 141). De certo ponto de vista, porém, pode-se conceber a obra perfeitamente finalizada, se a entendermos não tanto um relato “para que as gerações futuras saibam de onde procederam seus antepassados e por quais dificuldades tiveram que passar” (*ivi*, p. 5), mas principalmente um panfleto político (embora uma coisa e outra não sejam excludentes).

Expliquemo-nos: do primeiro ponto de vista, de fato a obra é incompleta – Gustav ainda teria muito a dizer. Mas, do segundo, o livro contempla perfeitamente as questões políticas centrais vigentes no momento em que foi escrito, isto é, no contexto das tensões que desembocaram na Primeira Guerra Mundial. Pode-se dizer que o último capítulo seria o coroamento (ou a explicitação) das ideias que o autor transmite por meio da produção de lembranças. Consideramos que os pontos abordados no derradeiro capítulo 17 referem-se basicamente a uma só questão: o então chamado “perigo alemão”. O autor desmembra a discussão em vários quesitos:

- trata de colocar os imigrantes como parte da paisagem histórica de Curitiba;
- a seguir, incansavelmente destaca a importância dos imigrantes alemães para o progresso da cidade;
- aponta o surgimento de um discurso xenófobo contra os alemães;
- e, finalmente, insere a política imigratória do Estado na discussão.

Fundamentalmente, o primeiro quesito traduz-se na longa digressão do autor buscando destacar seu conhecimento sobre a história de Curitiba e sobre a paisagem natural das terras paranaenses. O quesito seguinte se expressa principalmente na citação dos inúmeros imigrantes alemães que foram pioneiros em várias atividades (a primeira cervejaria, a primeira olaria, a primeira serraria, o primeiro moinho movidos à força de água), o talento deles como artífices e comerciantes, seu empreendedorismo. No terceiro momento reproduz alguns exemplos da então recente xenofobia, a qual rebate ao defender a ideia de que mesmo os brasileiros são a rigor imigrantes e estrangeiros, exceto os índios e seus descendentes. Principalmente nessa parte do capítulo ele busca situar o lugar de produção do discurso do “perigo alemão”, que reputa a repórteres e redatores “franceses e ingleses”, cujas ideias são reproduzidas no Brasil por certa elite política e intelectual (Strobel, 1987, pp. 137-139).

Strobel tinha certa razão, sem descartar Estados Unidos e Grã-Bretanha, cada um com seus motivos para denunciar o avanço imperialista alemão: eram os franceses – impregnados de germanofobia – que se manifestavam mais duramente a respeito. Para estes, a Alemanha em 1870 tornava-se, então, “uma ‘entidade metafísica’, um país formidável escarnecendo sobre os reconhecidos valores internacionais: a título coletivo, os alemães são julgados culpados dos mais funestos modos de agir, em nome do eterno *germanicismo* hegemônico e perverso” (Blancpain, 1994, p. 256).

Já foi mencionado que Gustav Hermann e sua esposa viajaram à Alemanha em 1913, para tentar curar o seu filho doente. Sem entrar no mérito da decisão do casal, o fato é que os Strobel estavam imersos, em Leipzig (Saxônia), num certo clima de tensão. Em correspondência enviada a Franz, Bertha e Kurt Strobel – filhos, nora e neto –, Gustav Hermann escreve cartas e cartões postais. De 3 de julho de 1913 a 24 de julho de 1914, o teor é sempre doméstico, familiar, ressaltando o estado de saúde do filho internado. Na última carta, entretanto, finaliza comentando: “Desde ontem e hoje só se falava de guerra entre a Áustria e a Sérvia. Já está em tempo que as provocações dos eslavos e franceses recebam uma resposta adequada (grifo nosso).” Nas cartas que se seguem, continuam os assuntos familiares, entremeados de menções às dificuldades dos correios para a América do Sul em função da Guerra. Uma, em especial, diz respeito à posição dos “brasileiros” que, “como na guerra de 1870/71, estão ao lado dos franceses; nós devemos no futuro nos lembrar disto”⁷. (Nadalin e Fabris, 2012).

No quarto quesito, finalmente, Strobel faz críticas à política imigratória do governo brasileiro naquele alvorecer do século XX, sugerindo que as facilidades eram exageradas. Em consequência, tal política atrairia “elementos de qualidade duvidosa”, levando os imigrantes a acomodarem-se “enquanto eram sustentados pelo governo”. Embora não explicitamente, parece-nos que Strobel vê esse quadro como negativo principalmente porque alimenta o discurso do “perigo alemão” e a tese de que os estrangeiros teriam privilégios inacessíveis aos nacionais, obliterando, assim, o que considera o verdadeiro e nobre papel social e econômico do imigrante. Seu contraponto a esse quadro é justamente a imigração de sua geração que, por não contar com todas essas facilidades, atraiu em geral apenas os bons elementos, que na nova terra tiveram que trabalhar muito para sobreviver e prosperar.

O autor esquece de mencionar de forma explícita as emoções que poderiam surgir da imersão dos imigrantes na Colônia. De fato, descreve um ambiente tenebroso (a selva, os animais, insetos, as precárias instalações...) e a conseqüente indignação com os diretores da Colônia Dona Francisca, primeiro destino da família (Strobel, 1987, pp. 30-31), mas só nos fornece algumas indicações das tensões geradas pelas decepções ali encontradas: como a família não tinha recursos, seu pai teve de oferecer-se para realizar o duro trabalho de preparar terreno de outro colono, para o plantio. O que recebeu em troca mal dava para sustentar a família, explicando, portanto, a decisão de procurar melhor sorte em Curitiba, no Paraná.

⁷ As cópias que temos terminam em 30/09/1916.

⁸ Correspondência datada em Leipzig, 10.12.2014.

Imagem do imigrante germânico

Todas essas questões são de fato a base da construção das lembranças de Strobel, na forma como se apresentam, e particularmente visíveis se observamos as referências, em suas memórias, a imigrantes germânicos socialmente mais privilegiados. Homens como August Stellfeld, Carl Cornelsen, os engenheiros Gottlieb Wieland e Barão Von Holleben⁹, além de Ottakar Dorffel e Joseph Hauer.

August Stellfeld (1817-1894) já era, no terceiro quartel do oitocentos, um próspero farmacêutico, e foi citado no livro quando Gustav relata ter trabalhado na construção de sua casa, em 1863, ressaltando ter sido contratado porque Stellfeld queria uma cobertura realizada com técnica alemã. Relembra ainda que seu pai, Christian, depois de aceitar o trabalho, acentuou ser uma honra poder realizar tal serviço. Gustav retrata Stellfeld como “uma pessoa bondosa e demonstrava certa pena comigo”, e que todos os dias ia conferir o avanço dos trabalhos. Destaca que nessa obra Christian fez uma escada em caracol (talvez a primeira de Curitiba). Por fim, diz que ao final dos trabalhos todos foram convidados à sua casa, para a comemoração. Enfim, o memorialista quis destacar a qualidade e complexidade da carpintaria teuta (e a de seu pai). Seu relato nos sugere que via os imigrantes mais endinheirados como indivíduos por intermédio dos quais a “arte” e o “trabalho” dos alemães ganharam visibilidade em Curitiba¹⁰, inclusive permitindo que nacionais os contratassem para fazer esse tipo de serviço (como a escada em caracol que Christian fez para o futuro palácio do Governo).

Por fim, destaque-se que as referências a Stellfeld são gentis, porém marcadas por certo distanciamento de classe que a experiência da imigração não neutraliza. O mesmo se pode dizer das referências aos demais acima relacionados, inclusive às do Dr. Ottakar Dorffel (1818-1906), conterrâneo e parceiro de imigração dos Strobel no Florentin. Este era um advogado e prefeito de Glauchau, a cidade natal de Gustav, que se envolveu nos conflitos políticos de 1848 na Saxônia (aliás, como Christian August Strobel) e por essa razão decidiu emigrar. Estabeleceu-se na Colônia Dona Francisca (Joinville), onde mais tarde foi prefeito¹¹.

Gottlieb Wieland (1825-1890) foi citado como autor do projeto da casa de August Stellfeld, tendo sido ele, inclusive, quem indicara Christian Strobel para trabalhar na obra¹². Também participou da construção da Estrada da Graciosa e ainda indicou Strobel para a construção, em 1872, de uma roda d'água em uma olaria e para o trabalho de carpintaria na construção da Santa Casa de Curitiba.

⁹ Observamos que, por força talvez de problemas de memória, alguns personagens da história contada por Gustav Hermann só são registrados pelo sobrenome, o que geralmente não permitiria uma identificação segura desses indivíduos. No caso do Barão, sem dúvida o autor pensaria que, como nobre, seria supérfluo tentar identificá-lo de maneira mais segura.

¹⁰ O que também pode ser identificado quando se refere às demais obras realizadas para imigrantes com certos recursos, como o Barão Von Holleben.

¹¹ Esse interessante personagem deixou uma descrição da viagem e instalação em Dona Francisca, servindo de contraponto à narrativa de Gustav Hermann Strobel (Böbel e Thiago, 2001:159-167).

¹² Gottlieb, às vezes Gottlob (tem o mesmo significado), foi também diretor da Colônia de Assungui, conforme documento de 1862, in Bernardo Augusto Nascentes de Azambuja, *Relatório das terras publicas e da colonização*, Rio de Janeiro, Typographia de João Ignacio da Silva, 1862.

Outro personagem mencionado, o Barão Von Holleben, também natural da Saxônia, viera ao Brasil em 1860 e vivia em Curitiba¹³. Quando viajava a trabalho, hospedava-se na pensão que a família Strobel mantinha nos arredores de Curitiba na década de 1860. Como trabalhava para o governo, Von Holleben fez a demarcação da futura estrada que ligaria Curitiba a Joinville e participou da construção da Estrada da Graciosa. Após a morte da terceira esposa, renunciou ao cargo e mudou-se para o Rio Grande do Sul, quando Gustav perdeu contato com ele. Mas o memorialista anotou que em 1890 leu em um jornal que, em uma viagem de trem, o Barão suicidara-se com um tiro na cabeça. Gustav descreve o Barão como “um homem forte, de estatura alta e de boa formação moral”. Tinha informações detalhadas sobre suas esposas (ele casou e enviuvou três vezes) e sobre seus irmãos que ficaram na Europa: “um deles general do exército da Prússia e o outro general da Saxônia, e na guerra de 1866 os dois enfrentaram-se dos dois lados como inimigos”.

As referências a Gottlieb Wieland e ao Barão Von Holleben sugerem o quanto imigrantes bem posicionados, sobretudo se da mesma ocupação – eram engenheiros –, podiam ajudar um profissional imigrante que precisava se impor no novo mercado. No entanto, percebemos maior proximidade dos Strobel com o Barão, talvez porque este se hospedasse em sua casa quando viajava, ou ainda porque teve uma história familiar tumultuada, e a vida encerrada com um misterioso suicídio. Da mesma forma que a terrível mortalidade enfrentada pelos passageiros do Florentin e a descrição dos sepultamentos no mar, sempre assistidas pelo jovem imigrante, as histórias excepcionais costumam criar raízes mais fortes na memória.

Finalmente, Joseph Hauer e Carl Cornelsen¹⁴, de cujas histórias Gustav destaca, sobretudo, a trajetória de trabalho duro rumo ao enriquecimento, bem como o cuidado na preservação dos “usos e costumes alemães”. Joseph Hauer, inclusive, voltou definitivamente para a Alemanha, muito rico, e conta-se que viveria num castelo até falecer¹⁵. As histórias de vida desses dois homens (e também a de Stellfeld) são, parece-nos, exemplos (ou paradigmas) do que seria o imigrante ideal para Gustav Strobel.

Mas não apenas esses personagens-modelo participam das memórias de Gustav Strobel. Por um levantamento realizado ao longo da leitura, observamos que o memorialista citou, com mais ou com menos detalhes, um total de 106 imigrantes germânicos. Desse ponto de vista, pode-se ter uma ideia do valor dos livros de memórias para, por exemplo, a reconstituição de comunidades,

¹³ É muito provável que se trate do Barão Ludwig Heinrich Von Holleben, mencionado em <http://historiasvalecai.blogspot.com.br/2009/08/o-barao-von-holleben.html> e também em <http://historiasvalecai.blogspot.com.br/2011/02/1134-historia-oficial-de-barao-1-luiz.html> e http://barao.rs.gov.br/dados_gerais.php?pag=historia

¹⁴ Provavelmente, trata-se do mesmo Carl Cornelsen, 18 anos, lavrador, que consta da lista de passageiros da terceira classe do navio Wiedemann, e que desembarcou em São Francisco do Sul, com destino a Dona Francisca <http://www.arquivohistoricojoinville.com.br/ListaImigrantes/lista/25.html>

¹⁵ Segundo consta, Robert Hauer era natural da Silésia e emigrou em 1863. Teria, apenas, 12 anos de idade, acompanhando seus irmãos mais novos Joseph, Anton Franz, August e Julius, tendo se fixado em Curitiba. Os irmãos tornaram-se empreendedores no comércio e na indústria. A respeito de Joseph, sabe-se que instalou a primeira geradora de energia elétrica na capital paranaense. Já com certa idade, retornou definitivamente para a Alemanha, denominando a nova residência que mandou construir de “Vila Curitiba”. Ver o artigo assinado pela Redação e com colaboração de João Derosso: “A origem do bairro Hauer” in <http://www.opiniaocuritiba.jex.com.br>.

sobretudo quando não há outras fontes que permitam realizar tal reconstituição. Nessas 106 referências (todos, exceto um, do sexo masculino), têm-se eventualmente informações sobre mulher e filhos, local de residência, e mais frequentemente local de origem deles na Europa, profissões e atividades no Brasil. Assim, por exemplo, dentre os 105 homens citados, temos: nove agricultores, 10 comerciantes (secos e molhados, joias, bar e restaurante, farmácia, pensão), seis empreiteiros, seis carpinteiros, um marceneiro, um seleiro, três ferreiros, um carreteiro, dois alfaiates, nove cervejeiros, um escultor, dois engenheiros, quatro proprietários de olarias, um proprietário de serraria, um proprietário de moinho. Além disso, outros desses personagens (alguns dos que mais tarde se estabeleceram nas atividades acima descritas) trabalharam na abertura de valetas para as divisas de terras (10 homens), na construção da Estrada da Graciosa e em obras de construção civil, como na Santa Casa, como operários ou chefes de turma (28 homens). Outro exemplo: sabe-se que, entre eles, um vinha de Brandelburg, dois de Düsseldorf, um de Fulda, quatro do Moselle (estes, os primeiros imigrantes germânicos de Curitiba, remigrados de Rio Negro), um da Pomerânia, sete da Saxônia (quatro deles de Glauchau), dois de Schleswig-Holstein, dois da Silésia, seis da Suíça e um do Tirol.

Os imigrantes que chegaram entre 1840 e 1870 não tiveram auxílio do Estado brasileiro para a viagem e não receberam terras no Paraná. Tinham que comprá-las. Assim, por meio das memórias de Gustav, particularmente quando relata resumidamente as trajetórias de vida ou os destinos dos conhecidos e amigos, observa-se que migrar de novo não era incomum (fazia parte da estratégia para sobreviver ou ascender socialmente). Dos casos relatados por Gustav, estão os imigrantes que ficaram em Joinville, aqueles que de lá saíram para se fixar em Curitiba (como foi o caso dos Strobel, de Stein etc.), os que de Curitiba foram em direção aos Campos Gerais: para Tamandaré, Ferraria, Ponta Grossa e dois deles até Guarapuava. Outros que migraram para o Rio Grande do Sul.

É interessante observar que o fenômeno migrar de novo repete-se de uma geração a outra, mas mudando de direção, atraídos principalmente pela capital paulista e outras regiões. Concretamente, isso foi verificado entre os descendentes de Gustav Hermann Strobel, embora com menor vigor e não mais para o interior do Paraná e para o Sul do país, mas para São Paulo (Machado, 1998, pp. 95-109).

Porém, até mesmo quando existem outras fontes – como é o caso da comunidade germânica de Curitiba e São José dos Pinhais –, essas memórias podem revelar novos aspectos. Se, por exemplo, os registros paroquiais da Comunidade germânica de Curitiba são particularmente eficazes para reconstituir redes sociais estabelecidas pelo casamento e o compadrio, as memórias de Gustav nos revelam redes sociais estabelecidas por meio da convivência pelo trabalho e pela residência. Assim, dos 105 homens citados por Gustav, podemos observar uma maior proximidade de Christian e (ou) Gustav Strobel, devido à convivência cotidiana no trabalho de abertura de valetas e de construção civil, com pelo menos 31 imigrantes, e maior proximidade da família, devido à situação de vizinhança ou por serem pessoas que se hospedavam em sua casa, de pelo menos 17 imigrantes.

No entanto, desses dois grupos, alguns nos parecem mais próximos, aqueles com os quais, pode-se dizer, Gustav Strobel mantinha uma relação de intimidade. E podemos distingui-los não apenas porque seguidamente

trabalhavam com os Strobel e (ou) hospedavam-se frequentemente na casa da família, mas porque são, nestas memórias, aqueles sobre os quais Strobel tem mais informações, comentários e “histórias para contar”. Dentre esses destacamos Johann Sass, que adorava brincar com os pequenos: “quando estava em nossa casa, gostava de brincar com as crianças menores, feito uma babá. [...] Com os maiores não se dava bem, pois achava que não éramos tão obedientes” (Strobel, 1987, p. 82). Também Ernest Stein, que por anos viveu na casa dos Strobel e trabalhou com Christian e Gustav (quando aprendeu o ofício de carpinteiro)¹⁶, os jovens que com Gustav trabalharam na Estrada da Graciosa e na Santa Casa (com quem tinha maior intimidade em função da idade), e particularmente Wilhelm Von Eisenhart, para quem Gustav Strobel reservou muitas e muitas páginas de seu livro. Suas palavras, ou melhor, a imagem que cria de Eisenhart (engraçado, afetuoso, meio irresponsável e absolutamente incorrigível), é mesmo a criação de uma experiência de um menino que deve ter se divertido com a convivência, embora Eisenhart tivesse um “vício” socialmente reprovado: a cleptomania. Talvez a ausência de uma tão grande afeição tenha impedido que Gustav fosse tão pouco condescendente com as referências a outros que, para ele, também tinham características socialmente reprováveis, como os beberrões Weigang, Christian e Fritz “Ziethen”, o falastrão Adolf Eger e o preguiçoso Krumfinger.

A imagem do nacional

Vejamos agora as referências aos nacionais, começando pelos “caboclos” (NADALIN e FABRIS, 2013) que, para Strobel¹⁷, aparentemente eram todos os moradores das áreas rurais. Ele não explicita o que seriam exatamente do ponto de vista étnico, mas parece compartilhar a definição de mestiços de índios, brancos e negros. Expressa sobre eles, em todos os momentos, uma visão bastante positiva, do ponto de vista social. Destaca (e são inúmeros os exemplos que podemos dar) principalmente a cordialidade e a hospitalidade. Assim, nas palavras do autor, já na viagem de Dona Francisca para São José dos Pinhais os Strobel receberam abrigo em casas de caboclos. Instalados em São José dos Pinhais e Campo Largo da Roseira, viveram em meio a eles sem qualquer problema:

Os nossos caboclos são gente muito hospitaleira e os aceitavam [os imigrantes] de bom grado sem exigir algo em troca. Sentiam-se mesmo honrados quando um branco entrava em suas casas. Nos dias de hoje, devido aos abusos dos que se aproveitavam desta boa vontade, já se tornaram mais cuidadosos com os estrangeiros. Nos primeiros anos de nossa estada no Paraná, vivemos sempre neste meio, e nos dávamos muito bem com os nativos, respeitando-os naturalmente, e nunca ofendendo nenhum deles (Strobel, 1987, p. 39).

¹⁶ Ernst Stein casou-se com Maria, filha do Professor Carl Merikoffer, em Curitiba, no dia 14.07.1871. Contam-se entre seus descendentes 12 indivíduos com batismos registrados na Igreja Evangélica Luterana, distribuídos em quatro gerações.

¹⁷ Provavelmente o autor refere-se ao mestiço do branco com o indígena, no litoral também denominado de “caicara”. Câmara Cascudo, em seu dicionário, faz longa digressão a respeito do “caboco”(sic). Informa que “era, até fins do século XVIII, o sinônimo oficial de indígena. Hoje indica o mestiço e mesmo o popular, um caboclo da terra. Discute-se ainda a origem do vocábulo, indígena ou africano” (Câmara Cascudo, 1984, pp. 165-166).

Alguns dentre os nacionais se destacam na narrativa: os vizinhos que ajudaram os Strobel nos primeiros e difíceis anos em que a família precisava dar um jeito de sobreviver, cedendo terra e casa e ajudando com comida nos períodos de escassez. São as famílias Machado, Rocha e Cruz, as quais Strobel descreve com benevolência e para quem reserva muitos elogios. Com alguns mantiveram laços sociais bastante sólidos, inclusive relações de compadrio. Mesmo quando toca no tema da escravidão, o memorialista o faz de modo a não manchar o nome e a honra dos Machado e dos Rocha, proprietários de escravos. Para Bento Fagundes, um nacional que por algum tempo cedeu uma casa para os Strobel morarem, e Ana da Cruz, uma vizinha, Strobel reservou algumas críticas. O primeiro teria caráter duvidoso, sendo violento e aproveitador, e a segunda seria rabugenta e encrenqueira. Porém essas críticas referem-se a seus comportamentos individuais, não podendo ser generalizadas para o conjunto dos nacionais.

O único traço de xenofobia por parte dos “caboclos” e vizinhos aparece no texto apenas na forma de rugas infantis sem grandes consequências, e nos parece mesmo que tal relato tem menos o objetivo de acentuar alguma aversão e mais de destacar o orgulho pela origem germânica. Diz que ele e o irmão tiveram muitas brigas com crianças dos vizinhos caboclos: “eles julgavam que nos irritariam se xingassem e debochassem os alemães e a Alemanha. Em resposta dizíamos: o que um caboclo ignorante sabia sobre a Alemanha? Ser chamado de caboclo por nós irritava-os e quando queríamos provocar ainda mais, xingávamos em alemão e caíamos em grandes gargalhadas” (p. 72).

Orgulho de origem, aliás, que perpassa toda a narrativa. Já quando se observam as referências de Strobel aos imigrantes com os quais conviveram, vê-se que em seus comentários reiteram, sobretudo, as qualidades de alguns deles (disposição para o trabalho, empreendedorismo, eficiência técnica). Assim, os arados alemães são mais eficazes, as ferramentas alemãs são melhores, os comerciantes alemães são grandes empreendedores, a técnica de construção alemã é superior (e a personalidade das memórias de Gustav Strobel se encontra na experiência concreta do autor, visto que, na verdade, o que aparece em seu relato é a superioridade da carpintaria e da engenharia alemãs, sua área de trabalho).

Porém, qual imagem de “brasileiro” está mais positivizada em seu relato?

Dissemos anteriormente que Strobel caracteriza August Stellfeld, Joseph Hauer e Carl Cornelsen como homens que enriqueceram graças ao trabalho duro, e como pessoas que sempre procuraram preservar os usos e costumes alemães. Essa imagem funciona como uma espécie de exemplo do que seria o imigrante ideal para Gustav Strobel, ou seja, aquele que melhor representa a contribuição do grupo para o Brasil. O mesmo se pode dizer em relação às imagens do nacional que aparecem no livro.

Vimos que a figura do caboclo cordial, hospitaleiro e solidário, entre os quais a família vivia pacificamente, simboliza o ideal de integração do imigrante, que, no início do século XX, encontrava-se em perigo devido à difusão de um discurso social xenófobo. Mas existe também em seu relato a figura de certa elite nacional que se corporifica como contraponto à xenofobia do mesmo período. Uma elite que encarna os melhores valores (isto é, sem orgulho ou xenofobia): homens como o “deputado da Lapa” (cuja identidade o autor fica devendo) e os Sr. Ramos, capazes de apreciar o valor do trabalho dos carpinteiros alemães; como Alcides Munhoz, defensor da imigração alemã; mas principalmente

pessoas como o Dr. José Cândido da Silva Muricy e sua esposa, Iria Narcisa Ferreira:

O doutor Muricy era natural do norte do Brasil, e veio a Curitiba, jovem e recém formado em Medicina. Aqui se casou [...] [com] uma senhora educada e de boa formação. Não era orgulhosa nem xenófoba ou hostil aos estrangeiros, como também justa com seus subordinados. Assim também agiam seus irmãos, e com isto a família toda era benquista e respeitada. O doutor Muricy era pessoa corretíssima e honesta como poucas que conheci.

Quando o Dr. Muricy assumiu a direção do hospital [Santa Casa de Curitiba] logo iniciou alterações e melhoramentos diversos. Propôs também a eliminação do parágrafo do regulamento que impedia o atendimento de doentes que não pertenciam à Igreja católica, e dizia-se que argumentou que em um país livre as leis também não podiam ser discriminatórias. A religião não podia ser motivo para barrar os que são de outra. E a irmandade com seus fins humanitários não poderia restringir o acesso de quem solicitasse seu auxílio. Temos recebido de bom grado a vinda destes imigrantes, sem indagar qual a religião a que pertencem e ficamos satisfeitos com a vinda do maior número possível deles. Eles, em pouco tempo, mostraram com seu labor e espírito empreendedor que só temos a ganhar com a vinda deles e é notável o progresso que proporcionaram a Curitiba. Após este pronunciamento, por maioria de votos, foi revogado este parágrafo. Apenas por certo tempo ainda vigorou a regra de, para ser sócio da irmandade era indispensável ser católico. Por motivo desta atitude e pronunciamento, por iniciativa do farmacêutico Stellfeld, o Kaiser Guilherme agraciou o doutor Muricy com a Ordem Vermelha da Águia (Strobel, 1987, pp. 122-123).

Uma elite cujos valores, na visão de Strobel, não apenas se distanciavam das ideias sociais veiculadas por muitos católicos à época (e o alvo principal de Strobel eram os administradores da Santa Casa de Curitiba), mas também se distanciava daquela elite política e intelectual que, no início do século XX, reproduzia artigos germanóforos de repórteres “franceses ou ingleses”¹⁸.

A figura do Dr. Muricy, mencionado acima, confronta-se, igualmente, com o “cidadão” que conversava com Luiz Coelho, diálogo que Strobel alega ter ouvido e que reproduz no capítulo 17:

Em uma manhã de domingo, andando pela Rua José Bonifácio, percebi que à minha frente caminhavam o Sr. Luiz Coelho e outro cidadão que não conhecia. Eles olhavam para os novos prédios que nos dois lados da rua tinham sido construídos recentemente, fazendo seus comentários a respeito. Como era domingo, todas as lojas estavam fechadas, e não havendo barulho, podia ouvir tudo o que falavam. O desconhecido dizia: ‘Veja, todos esses prédios que recentemente surgiram, são de propriedade dos alemães. Se continuar assim,

¹⁸ Com efeito, a *intelligentsia* latino-americana foi, majoritariamente, francófila até a Segunda Guerra Mundial. Por outro lado, não tinha simpatia pelo *Reich* (Blancpain, 1994, p. 255-264). Dessa forma, emprestou bastante do arsenal francês da “germanofobia” para refutar as teses neutralistas de certos espíritos crioulos de educação alemã ou simplesmente sensíveis aos fatores alemães para o progresso de seus próprios países (*ivi*, p. 257). Finalmente, alguns viajantes franceses, escrevendo sobre o Brasil, não amenizavam o temor de muitos brasileiros de que uma Alemanha na América Latina, agregando o Brasil Meridional, o Uruguai e parte da Argentina, era plano do Kaiser Guilherme II. Todos esses fatores levaram um autor a observar que, de fato, o “perigo alemão” no Brasil foi uma construção francesa (Tettamanzi, 2005, pp. 163-185). Ver também Nadalin e Fabris, 2012.

seremos suplantados em todos os lugares. Nós, como donos da terra, não deveríamos admitir que os estrangeiros se apessem destas grandes fortunas, pois de direito, tudo isso pertence a nós'. Luiz Coelho, que era uma pessoa de espírito mais arejado e justo, riu e respondeu: 'Esta rua não ficou com uma aparência bem mais bonita do que antes, quando só existiam as modestas e primitivas casas dos nossos patrícios; deveríamos torcer para que mais destes homens viessem radicar-se aqui. Eles não apenas tornariam as cidades mais bonitas, como também contribuiriam para que o tesouro da cidade e do Estado dispusesse de mais recursos com seus impostos (Strobel, 1987, pp. 137).

Conclusão: memória e representações sociais

Desde há muito tempo os limites da auto-biografia estão claramente colocados. Segundo Giovanni Levi, nela, o que é tido como socialmente determinante e comunicável apenas encobre de maneira bastante inadequada o que a própria pessoa considera essencial. Esse problema, hoje colocado às claras, é o mesmo que o século XVIII havia explicitamente formulado. (Levi, 2001, p. 170). Também bastante conhecida é a opinião de Pierre Bourdieu sobre o seu uso nas ciências sociais: para este autor, tais relatos tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis, afim de extrair uma lógica retrospectiva e prospectiva, podendo o pesquisador ser levado a aceitar essa criação artificial. Nesse sentido, entende a biografia e a auto-biografia como uma ilusão retórica (Bourdieu, 2001, p. 184-185).

De fato, a discussão que levamos a efeito ao longo desse artigo, em especial a ligação entre o conteúdo da auto-biografia de Strobel e o contexto em que foi escrita, pode afirmar as desconfiâncias em relação a essa fonte. No entanto, talvez um grande interesse historiográfico resida mesmo nessa característica "ideológica" do relato, pois permite-nos observar como, *a partir de suas memórias*, "os indivíduos se definem, conscientemente ou não, em relação ao grupo ou se reconhecem numa classe". Mais que isso até, pois as memórias, como todo discurso social, "formam esquemas geradores de sistemas de classificação e de percepção" (Levi, 2001, p. 173); no caso presente, produzidos no complexo contexto brasileiro das primeiras décadas do século XX.

Assim, as específicas lembranças de Strobel a respeito da comunidade germânica seguramente funcionam como um contradiscurso à tese do "perigo alemão" vigente no Brasil durante as primeiras décadas do século XX. E seus argumentos, em linhas gerais, podem ser facilmente localizados na criação, pelo autor, de duas *personas* sociais: de um lado, a do imigrante morigerado, empreendedor e tecnicamente preparado, além de preocupado com a preservação dos "usos e costumes" da terra natal. Imigrante "responsável pela nova feição da cidade, mais moderna, mais bonita e menos primitiva"; de outro lado, a do nacional cordial, hospitaleiro, tolerante do ponto de vista religioso e sem qualquer traço de xenofobia. São "personagens da memória" que funcionam como alternativa às *personas* sociais do imigrante usurpador e do nacional xenófobo que o discurso do "perigo alemão" dá protagonismo.

Contudo, a nosso ver toda essa digressão não retira importância desse tipo de documento quando o foco é o contexto histórico a que se refere (e não o contexto em que foi produzido). O cerne dessa discussão talvez esteja na própria concepção de *memória*. Se revisitamos os clássicos, de um lado tem-se as proposições de Maurice Halbwachs (2006), afirmando que lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias *de hoje*, as experiências

do passado. Em Halbwachs se destaca a impossibilidade de reviver o passado tal e qual. Posto o limite fatal que o tempo impõe, para ele resta reconstruir, no que for possível, a fisionomia dos acontecimentos. E, nesse esforço, exerce papel condicionante todo o conjunto de noções presentes que, involuntariamente, obriga o indivíduo a avaliar o conteúdo de suas memórias (Bosi, 1983, p. 21).

A obra de Henry Bergson (*Matière e Mémoire*) sugere um outro caminho. Como já observou Ecléa Bosi, a originalidade das proposições desse autor ajudou a psicologia social a repensar os liames sutis que unem a lembrança à consciência atual e, por extensão, a lembrança ao corpo de ideias e representações que se chama, hoje, correntemente, “ideologia”. Em Bergson, lembra-nos a autora, se encontra a ideia de que a lembrança impregna nossas representações, e quase sempre desloca nossas percepções reais. A memória permite, dessa forma, a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. Ela seria o lado subjetivo do nosso conhecimento das coisas.

Enfim, em Bergson, a memória é conservação do passado e é, sobretudo, criadora de percepções e representações no presente. Para esse autor, o passado se conserva inteiro e independente no espírito, e seu modo próprio de existência é inconsciente. O papel da consciência, para ele, é de, “quando solicitada a deliberar, o de colher e escolher, dentro do processo psíquico, justamente o que não é a consciência atual, trazendo-o à sua luz” (Bosi, 1983, pp. 6-15). Sem essa sobrevivência do passado no presente, não haveria duração, mas somente instantaneidade (Bergson, 1974, p. 25). Ou seja, o tempo, como o concebemos, não existiria, uma vez que tempo é duração (Bloch, 2001, p. 55).

Se partimos das premissas de Halbwachs, do ponto de vista do historiador o conteúdo das memórias seria sempre enganador, pois, na medida em que nega a existência da memória pura – existiriam apenas versões do passado, produzidas em diferentes presentes –, de certa forma Halbwachs nega a própria existência da memória. No limite, nega sua validade como evidência histórica. Porém se nos alinharmos a perspectiva de Bergson, de que a memória é conservação do passado, aceitamos que mesmo sendo o relato de Strobel um constructo político ligado ao presente do memorialista, sua matéria-prima é toda ela conservação do passado, uma vez que tais e tais homens realizaram e comunicaram tais e tais atos e ideias, guardados pelo memorialista, ainda que por certo tenham vindo à tona depois de retirar algumas aparas e hipertrofiar aspectos – como faz, aliás, todo documento histórico, mesmo aquele contemporâneo ao fato documentado.

Indo além, lembremos que Bourdieu nos sugere a impossibilidade de compreender uma trajetória “sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis” (Bourdieu, 2001, p.190). Para esse autor, portanto, o problema reside na relação entre texto e contexto. No entanto, se analisamos a biografia e especialmente a auto-biografia em sua “inteireza”, podemos observar que, no processo de construção de uma “lógica retrospectiva e prospectiva”, inconscientemente o memorialista obriga-se também a descortinar o contexto. Assim, por exemplo, ao desenhar, a partir de suas lembranças, a figura do “imigrante morigerado, empreendedor e tecnicamente preparado, preocupado com a preservação dos usos e costumes da terra natal” e a figura do nacional

“cordial, hospitaleiro, tolerante do ponto de vista religioso e sem qualquer traço de xenofobia”, Strobel desenhava também seus contrapontos.

Desse processo emergem um Stellfeld, um Cornelsen, um Hauer, e os trabalhadores pobres e morigerados, mas também indivíduos tais como o afetuoso e engraçado, mas um tanto irresponsável, Von Eisenhart, permanentemente torturado pelo vício da cleptomania, o beberrão Weigand e o preguiçoso Krumfinger. Ao lado da lembrança de um Dr. Muricy, sobreviveu também os intolerantes religiosos católicos da Santa Casa, a rabugenta Ana Cruz, a nefasta figura de Bento Fagundes. Principalmente, as lembranças de um único indivíduo permite-nos acessar todo um conjunto relacional, bem como a natureza de cada uma das distintas relações que ligavam esses diferentes personagens. Em interação, eles propiciam a visão de um ambiente social complexo do passado, no qual homens e mulheres de diferentes culturas, religiões e histórias pessoais se encontraram e, a duras penas, aprenderam a viver juntos.

Bibliografia

- BERGSON, Henry. *Os pensadores*. São Paulo, SP, AbrilCultural, 1974.
- BIDEAU, Alain; NADALIN, Sergio Odilon. "How German Lutherans became Brazilians: a methodological essay". *The History of the Family, An International Quarterly*, v. 10, n. 1, 2005. (pp. 65-85).
- BIDEAU, Alain; NADALIN, Sergio Odilon. *Une communauté allemande au Brésil; de l'immigration aux contacts culturels, XIX-XX^e siècle*. Paris, INED, 2011.
- BLANCPAIN, Jean-Pierre. *Migrations et mémoire germaniques en Amérique Latine*. Strassbourg, Presses Universitaires de Strassbourg, 1994.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo, T.A. Queiroz, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (coords.). *Usos & abusos da História Oral*. 4^a. Edição, Rio de Janeiro: Editora FGV (Fundação Getúlio Vargas), 2001, p. 183-191.
- CAMARA CASCUDO, Luiz da. *Dicionário do folclore brasileiro*. 5^a ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2. ed. São Paulo, Centauro, 2006.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (coords.). *Usos & abusos da História Oral*. 4^a. Edição, Rio de Janeiro: Editora FGV (Fundação Getúlio Vargas), 2001, p. 167-1182.
- MACHADO, Cacilda da Silva. *De uma família imigrante: sociabilidades e laços de parentesco*. Curitiba, Aos Quatro Ventos, 1998.
- NADALIN, Sergio Odilon. "João, Hans, Johann, Johannes: dialética dos nomes de batismo numa comunidade imigrante". *História UNISINOS*. São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, v. 11, n. 1, jan./abr. 2007. (pp. 14-27).
- NADALIN, Sergio Odilon. Construindo alteridades: a trajetória de vida de um jovem imigrante no Brasil (Curitiba, segunda metade do século XIX). *História: Questões & Debates*. Curitiba, UFPR/APAH, v. 26, n. 51, jul./dez. 2009. (pp. 181-208).

- NADALIN, Sergio Odilon. "Atribución de nombres de bautismo: inmigrantes alemanes, identidad étnica y construcción de um mundo simbólico (Curitiba, Brasil: 1866-1987)" in BESTARD, Joan, GARCIA, Manuel Pérez (orgs.). *Famílias, valores y representaciones*. Murcia, Editum (Ediciones de la Universidad de Murcia), 2010a. (pp. 367-381) (Texto integral em português disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index28672.html>).
- NADALIN, Sergio Odilon. Construindo alteridades: memórias de um imigrante no Brasil (segunda metade do século XIX). Comunicação apresentada no Simpósio 28, VI Congresso do Conselho Europeu de Investigações Sociais sobre a América Latina (VI CEISAL), Toulouse, 30 de junho a 03 de julho de 2010b. <http://halshs.archives-ouvertes.fr/docs/00/49/69/18/PDF/SergioNadalin.pdf>.
- NADALIN, Sergio Odilon, FABRIS, Pamela. A comunidade alemã em Curitiba e a conjuntura da Primeira Grande Guerra. *Revista de História Regional* 18(1): 7-30, 2013. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr>.
- ROMERO, Silvio. "O alemanismo no Sul do Brasil" in ROMERO, Silvio. *Realidades e ilusões no Brasil: parlamentarismo e presidencialismo e outros ensaios*. Petrópolis, Vozes, 1979. (pp. 229-260).
- SEYFERT, Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania; a imigração alemã e o Estado Brasileiro. XVII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, MG, 22-25 outubro de 1993. http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_08.htm [01/01/2007].
- STROBEL, Gustav Hermann. *Relatos de um pioneiro da imigração alemã*. Curitiba, IHGEP, 1987.
- TETTAMANZI, Régis. "La 'germanité' face à l'héritage latin des Amériques: la construction française du 'péril germanique' au Brésil 1900-1940" in ROLLAND, Denis (coord.). *Archéologie du sentiment en Amérique latine: l'identité entre mémoire et histoire; XIX^e-XXI^e siècles*. Paris, L'Harmattan, 2005.

Cacilda Machado

Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professora do Programa de Pós-Graduação em História da mesma universidade. Dedicase especialmente aos seguintes temas da história do Brasil: escravidão, parentesco, população, família e imigração. Atualmente participa do Grupo de Pesquisa Demografia e História (mantido pelo CNPq) e do Projeto "Os Registros Paroquiais do Norte e do Noroeste Fluminense como Fonte para a História Social (Séculos XVIII-XIX)", financiado pela FAPERJ. Além de inúmeros artigos publicados em revistas e livros no Brasil e no exterior, é autora do livro "A trama das Vontades: negros, pardos e brancos na construção da hierarquia social escravista", editado no Rio de Janeiro pela Editora Apicuri, em 2008.

Contacto: cucamachado@uol.com.br

Sérgio Odilon Nadalin

Doutor em História e Geografia das Populações pela Ecole des Hautes Études em Sciences Sociales, Paris, e professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Além de vários artigos publicados em periódicos (Revista Brasileira de Estudos Populacionais, Revista de História

Regional, Topói, Revista do CESLA e outras) e livros no Brasil e no exterior (Editora UM, Universidad de Murcia) é autor do livro, em parceria com Alain Bideau (Universidade de Lyon 2), intitulado “Une communauté allemande au Brésil. De l’immigrations aux contacts culturels; XIXe-XXe siècle”, publicado em Paris pelo Institut National d’Etudes Demographiques (INED), em 2011.

Contacto: sergion@terra.com.br

Recebido: 19/10/2013

Aprovado: 05/11/2013